

LIÇÃO SETE

386. Agora que o Filósofo mostrou o modo de recordar do ponto de vista das coisas recordadas, ele determina aqui o modo de recordar do ponto de vista do tempo.

Primeiro ele expõe o que pretende; em seguida, mostra o que se propôs a fazer, nas palavras: "Há algo, etc." Ele diz, portanto, primeiro, que ao recordar é especialmente necessário conhecer o tempo; ou seja, o tempo passado, que é o objeto da memória, da qual a recordação é a busca. No entanto, o tempo passado é às vezes conhecido por quem recorda sob uma certa medida; por exemplo, quando sabe que sentiu esta coisa há algum tempo, três dias atrás; e às vezes indefinidamente; ou seja, indeterminadamente; por exemplo, se recorda que sentiu isto em algum momento ou outro.

387. Então, quando diz: "Há algo, etc.", ele mostra o que se propôs a fazer. Primeiro ele mostra como a alma conhece a medida do tempo; em seguida, mostra a proposição principal; ou seja, que conhecer o tempo é necessário a quem recorda, onde diz: "Quando, portanto, (o movimento) de uma coisa, etc." Quanto ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra o que se propõe a fazer; em seguida, apresenta uma certa questão, nas palavras: "Pois como difere, etc."

Ele diz, portanto, primeiro, que há algo na alma pelo qual ela julga a maior e a menor medida do tempo. (O fato) de que há (algo na alma) que julga sobre o tempo é razoável, pois ela julga sobre grandezas físicas, que a alma entende; o 'grande'; por exemplo, em relação à quantidade de corpos visualizados, e o 'distante' com respeito à extensão da distância local. A quantidade de tempo, que é medida de acordo com a distância do instante presente (nunc), é proporcionada a isso.

388. No entanto, a alma conhece grandezas deste tipo não estendendo o entendimento sobre elas, como se a alma conhecesse grandezas tocando-as com o intelecto. Ele parece dizer isso por causa de Platão, como é evidente no primeiro livro Sobre a Alma. Por este modo também, algumas pessoas dizem que a visão é efetuada, porque um raio percorre toda a distância até a coisa vista, como foi mencionado no segundo livro Sobre o Sentido e o Sensível. Mas é impossível que as grandezas sejam conhecidas pela alma por contato com o entendimento, porque em tal caso a alma não poderia entender senão grandezas existentes; enquanto na verdade ela entende grandezas que não existem. Pois nada impede a alma de entender o dobro da quantidade dos céus. Portanto, a alma não conhece a grandeza estendendo-se sobre a coisa, mas sim, porque um certo movimento da coisa sensível refletido na alma é proporcional à grandeza exterior. Pois existem na alma certas formas e movimentos semelhantes às coisas pelos quais ela conhece as coisas.

389. Então, quando diz: "Pois como difere, etc.", ele resolve uma certa questão sobre o que foi dito. Sobre isso ele faz três coisas. Primeiro ele expõe a questão; em seguida, a resolve, nas palavras: "Ou porque, etc."

Finalmente ele exemplifica a solução com letras, dizendo: "Assim, portanto, etc."

Visto que a alma conhece a magnitude pela imagem que possui da magnitude, ele busca primeiro, portanto, como essa maneira difere da maneira pela qual ela conhece a magnitude maior e menor. Pois não parece ter uma imagem diferente porque não difere em espécie.

390. Então, quando ele diz: "Ou porque, etc.", ele resolve a questão. Ele diz que a alma, por uma figura ou forma semelhante, entende o menor; i.e., uma quantidade menor, assim como por uma forma semelhante conhece a magnitude maior. Pois as formas e movimentos interiores correspondem proporcionalmente às magnitudes exteriores, e talvez a situação em relação a magnitudes, distâncias, lugares e tempos seja a mesma que a das espécies de coisas. Portanto, assim como há diversas imagens e movimentos no conhecedor que respondem proporcionalmente a diversas espécies de coisas; e.g., a um cavalo ou a uma vaca, também há diversas imagens correspondentes a diversas quantidades.

391. Então, quando ele diz: "Assim, portanto, etc.", ele mostra essa proporção diversa com um exemplo em letras. Para esclarecer isso, deve-se notar que, porque ele disse acima que no entendimento há figuras e movimentos semelhantes proporcionados às coisas, ele usa aqui o exemplo da semelhança de figuras, como os geômetras a utilizam. Eles chamam figuras semelhantes quando seus lados são proporcionais e seus ângulos são iguais, como é evidente no sexto livro de Euclides.

392. Portanto, desenha-se o triângulo BAE, cuja base é BE. Então, a partir de um ponto marcado G dentro de BA, traça-se uma linha GD equidistante da base até o outro lado; e, da mesma forma, uma linha equidistante da base traçada no triângulo GAD. Ora, foi demonstrado no primeiro livro de Euclides que uma linha reta caindo sobre duas paralelas tem ângulos opostos iguais. Portanto, o ângulo AGB é igual a AEB, e o ângulo ADG é igual ao ângulo AEB, mas o ângulo A é comum. Os três ângulos do triângulo AGD, portanto, são iguais aos ângulos do triângulo BAE; portanto, as linhas subentendidas pelos ângulos iguais são proporcionais de acordo com a quarta proporção no sexto livro de Euclides. Portanto, a proporção de AB para AG é a mesma que a proporção de BE para CD; portanto, alternadamente, a proporção de AB para BE é a mesma que a proporção de AG para GD; e assim os dois triângulos mencionados são figuras semelhantes. Ora, pela linha AB e suas partes, entendem-se os movimentos da alma pelos quais a alma conhece. Então, pelas linhas BE, GD e ZI, que são as bases do triângulo, entendem-se diversas quantidades, diferindo em grandeza e pequenez.

393. Portanto, ele conclui por este exemplo: se a alma é movida de acordo com o movimento AB para conhecer a quantidade BE, este movimento por si mesmo fará com que a quantidade GD seja conhecida, porque o movimento AG, que está contido em AB, e a magnitude GD, estão relacionados na mesma proporção que o movimento AB e a magnitude BE.

394. Mas então a questão que foi levantada acima reaparecerá, já que é necessário mais para conhecer a quantidade GD, que é maior, do que para conhecer a quantidade ZI, que é menor.

395. Para que isso pudesse ser visto mais explicitamente, ele toma movimentos distintos, um dos quais não está contido no outro. Portanto, tome-se uma linha KM dividida no ponto T de tal forma

que haja a mesma proporção de KT para IM que da linha AG (pela qual a quantidade GD é conhecida) para a linha AB (pela qual BE é conhecida). Assim, ao mesmo tempo, a alma é movida de acordo com esses movimentos, porque assim como a quantidade GD é conhecida pelo movimento AB, também é conhecida pelo movimento KT. Ora, assim como a quantidade BE é conhecida pelo movimento AB, também é conhecida pelo movimento TM. Se alguém deseja conhecer a quantidade ZI pelo movimento AZ, é necessário que GZ seja subtraído de AG, assim como GB é adicionado a ele para conhecer a quantidade BE. Mas se desejamos tomar movimentos distintos, será necessário tomar TE no lugar dos dois movimentos KT e TM, de modo que seja G e M. Os outros dois movimentos são traçados no mesmo ponto (como antes); um é KL e o outro LM, de modo que a linha KM é dividida no ponto L, e de tal forma que a proporção de KL para LM seja a mesma que a de AZ para AB. Donde, assim como ele conhece a quantidade BE pelo movimento LM, assim, pelo movimento KL ele conhece ZI. Assim está demonstrado.

396. Então, quando ele diz: "Portanto, etc.", ele mostra a proposta principal. Primeiro ele mostra que é necessário que a pessoa que recorda conheça o tempo; em seguida, ele mostra um duplo modo de conhecer o tempo, nas palavras: "O que, de fato, é do tempo, etc."

Portanto, ele diz primeiro que quando um movimento do objeto a ser lembrado e do tempo passado ocorre na alma ao mesmo tempo, há então um ato de memória. Mas se alguém pensa estar assim disposto, e não é colocado no estado de memória dessa maneira, porque ou o movimento da coisa ou o movimento do tempo está faltando, ele não se lembrou. Pois nada impede que haja uma representação errônea na memória; e.g., quando parece a alguém que se lembra, e (no entanto) não se lembra, porque o tempo passado lhe ocorre, mas não a coisa que viu, e sim outra em seu lugar. Às vezes alguém se lembra e não pensa que se lembra. Isso lhe é oculto simplesmente porque o tempo não lhe ocorre, mas apenas a coisa, pois, como foi dito acima, lembrar é visar o fantasma de alguma coisa como imagem de algo previamente apreendido. Portanto, se o movimento da coisa é feito sem o movimento do tempo, ou vice-versa, ele não recorda.

397. Então, quando ele diz: "O que, de fato, é etc.", ele mostra os diversos modos pelos quais as pessoas que recordam conhecem o tempo. Pois às vezes alguém se lembra do tempo, mas não sob uma medida definida; e.g., não que fez algo anteontem, mas que o fez em algum momento. Por outro lado, às vezes alguém se lembra sob uma medida de tempo passado, embora não sob uma medida definida. Pois os homens costumam dizer que se lembram de algo como passado, mas não sabem quando foi, porque não conhecem a extensão do tempo; i.e., a medida. Isso acontece devido a um movimento fraco, como é o caso das coisas que são vistas de longe e são conhecidas indeterminadamente.